

# A inclusão dos alunos com surdez nas escolas municipais de Ji-Paraná/RO: a importância do atendimento educacional especializado para suas aprendizagens<sup>1</sup>

---

*Jusiany Pereira da Cunha dos Santos<sup>2</sup>*

*Anamaria Silveira<sup>3</sup>*

## Introdução

O presente trabalho tem como objetivo investigar práticas pedagógicas no Atendimento Educacional Especializado (AEE) para alunos surdos de duas escolas municipais, enfocando os atendimentos realizados nas Salas de Recursos. A motivação maior para desenvolver tal pesquisa decorreu das muitas situações que os alunos surdos que cursam o Ensino Fundamental vivenciam nesse município.

O AEE acontece no horário inverso ao da sala regular, duas vezes por semana em duas escolas, com professora de AEE e dois instrutores surdos que ensinam Língua Brasileira de Sinais (Libras). Esse atendimento tem duração de quatro horas semanais.

---

<sup>1</sup> Artigo de Pesquisa sobre a Inclusão de Alunos com Surdez nas Escolas Municipais. Com bolsa do CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação – PPGE-UNIR – Porto Velho.

<sup>2</sup> Pedagoga. Especialista em: Libras, Tradução e Interpretação da Libras, Educação Especial e Atendimento Educacional Especializado. Acadêmica no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação – PPGE-UNIR – Porto Velho. Bolsista da CAPES. Professora Municipal do AEE para Alunos com Surdez. Intérprete nos Cursos de Libras para Formação de Docentes da SEMED. Participante e pesquisadora do Grupo de Estudos Interativos e Pesquisa em Educação Inclusiva — GEIPEI. Colaboradora das pesquisas do Observatório Municipal de Educação Especial — OMMES. E-mail: jusysantos29@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutora. Professora da UNIR, Campus de Ji-paraná; líder do Grupo de Pesquisa – GEIPEI, orientadora no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação – PPGE – UNIR – Porto Velho. E-mail: anaunir2012@gmail.com.

Para tanto, foram elaboradas entrevistas envolvendo os professores, pais e familiares dos sujeitos pesquisados, a fim de conhecer o ambiente em que eles estão inseridos, os conhecimentos dos mesmos sobre a Libras e também como é sua comunicação no meio familiar.

Assim, atuando nesses dois ambientes foi possível perceber as dificuldades tanto pedagógicas como metodológicas desse público específico, razão pela qual se optou em desenvolver esta pesquisa.

O foco está em entender melhor os três momentos didáticos pedagógicos, compartilhar as diferentes estratégias pedagógicas e práticas inclusivas que foram idealizadas para a realidade escolar, percebendo como fundamental o respeito à diferença surda, concebendo os surdos enquanto sujeitos com cultura e língua próprias.

Com base no entendimento que os surdos precisam ser respeitados em suas diferenças, reafirmamos não ser possível reduzir a surdez a uma limitação auditiva, mas considerá-la um viés cultural que não constitui uma condição de deficiência, pois os surdos são pessoas capazes, que pensam agem e se comunicam e precisam ser respeitados em suas diferenças.

Ao compartilharmos as experiências com outros docentes nas escolas, podemos perceber que há diversas dificuldades nas abordagens e práticas pedagógicas, sendo necessário repensar posturas e buscar alternativas para que seja possível aos alunos construir aprendizagens dentro e fora dos muros escolares.

Dentre as metas para o AEE, pode-se afirmar que sejam a aquisição e desenvolvimento da língua de sinais pelos surdos, promover a fluência dessa língua, promover trocas de experiências entre os surdos. Diante desse entendimento há necessidade da escola regular embasar-se no bilinguismo para pensar a educação de surdos, pois é por meio desse ambiente que de fato os alunos têm possibilidades de realizar suas construções, partilhar saberes, e até sentimentos, sendo a primeira língua a Libras e a segunda a Língua Portuguesa.

## **Metodologia**

A metodologia empregada baseia-se na abordagem qualitativa, por implicar em uma partilha com pessoas, fatos e locais que irão constituí-la, em que o pesquisador é o principal instrumento e o ambiente natural sua fonte de dados, ou seja, o pesquisador tem contato com o ambiente e a situação que está sendo objeto de estudo. Nessa abordagem a pesquisa é flexível. Segundo Ludke o pesquisador

mantém contato estreito e direto com a situação onde os fenômenos ocorrem naturalmente, e a partir daí analisa como o ambiente investigado pode rever e aprimorar o problema da pesquisa inicial. (...) Nestes estudos há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes”, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas (1986, p.12).

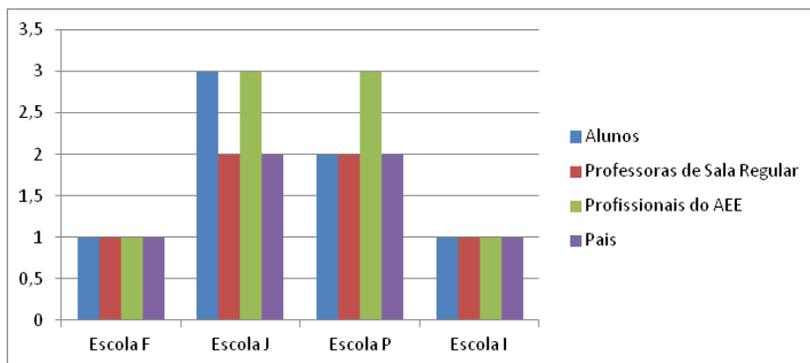
Na abordagem qualitativa é relevante a preocupação com um contexto cultural amplo, levando em consideração a vivência do indivíduo, ao se pensar no processo ensino e aprendizagem, o que possibilita considerar os diferentes pontos de vista e clarear o dinamismo das situações presenciadas.

Na coleta dos dados utilizou-se o questionário aberto semiestruturado para entrevistar oito professoras das salas regulares, e cinco profissionais do AEE: dois instrutores e três professoras especializadas. Os pais ou responsáveis também foram entrevistados. Para Minayo, o trabalho de campo é

(...) uma porta de entrada para o novo, sem, contudo, apresentar-nos essa novidade claramente. São as perguntas que fazemos para a realidade, a partir da teoria que apresentamos e dos conceitos transformados em tópicos de pesquisa que nos fornecerão a grade ou a perspectiva de observação e de compreensão. Por tudo isso, o trabalho de campo, além de ser uma etapa importantíssima da pesquisa, é o contraponto da teoria social (2012, p. 76).

Para se alcançar os objetivos inicialmente propostos, foi necessário o trabalho de campo para verificar e compreender como acontece processo de ensino/aprendizagem destes alunos. Além das estratégias anteriormente apresentadas, foram realizadas entrevistas, observações e questionários que tiveram como objetivo compreender a temática.

Nesta pesquisa há duas escolas onde os alunos são atendidos nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM); contudo, estes estão matriculados em quatro escolas municipais, sendo que não será mencionado o nome das escolas, dos professores, pais ou alunos por questão de ética. As referidas escolas serão identificadas por letras, sendo:



Créditos: Jusiany P. C. dos Santos.

Foram entrevistadas sete professoras desses alunos com surdez, sendo quatro professoras das salas regulares e três profissionais de Salas de Recursos. Foram entrevistados seis pais.

### Apresentação e discussão dos resultados parciais

O presente estudo engloba nove sujeitos com idades entre 9 e 58 anos. Destes, dois educandos são adultos e estudam na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Estão matriculados do segundo ao quinto ano do Ensino Fundamental.

Do universo pesquisado três moram com os pais, um mora com os avós paternos, um mora com irmã e um mora com a sobrinha. As famílias em sua maioria são de baixa renda, dos que moram com seus pais ou avós apenas o pai ou avô trabalham.

Segundo relato dos familiares, a surdez foi percebida entre um e três anos de idade, pois as crianças ainda não falavam. Percebeu-se que dentre os educandos todos gostam de estar entre surdos que interagem muito bem. Seis deles se percebem como surdos e sinalizam que as professoras do AEE são ouvintes e que os instrutores são surdos.

Os sujeitos pesquisados são carinhosos e demonstram afeto aos professores, gostam de utilizar o computador, sendo que os menores preferem acessar o site de brincadeiras.

Percebe-se que há pouca comunicação nas famílias de quase todos os surdos pesquisados, uma vez que poucos familiares perceberam a importância da Libras para eles. Há relatos de surdos que reclamam por não conseguirem se comunicar em casa, e de uma mãe que foi até a escola para conversar com

a professora de AEE. Nesse dia a mãe citou situações em casa em que não conseguiram compreender o que seu filho queria dizer.

Apenas quatro<sup>2</sup> dessas famílias sabem um pouco sobre a Libras, das famílias pesquisadas apenas uma sobrinha, três mães, dois pais e um irmão mais novo tiveram interesse em aprender a comunicar-se melhor com a irmã surda.

Nota-se que dos alunos surdos observados três são concentrados, aprendem com facilidade a Libras, não apresentam dificuldade para aprender matemática, percebem-se como surdos por conviverem com outros surdos, usam a língua de sinais para se comunicar. Sabem todas as letras do alfabeto, fazem contas de matemática e têm boa fixação do conteúdo, escrevem seus nomes e o da professora, conhecem várias palavras de memória.

Entretanto, os outros quatro alunos investigados têm mais dificuldade de aprender, emitem sons para se comunicarem, sabem pouco de Libras, tem dificuldades de concentração e não conseguem memorizar o conteúdo. Deste segundo grupo três são adultos e seu contato com Libras é reduzido, uma educanda apresenta surdez e atraso neuropsicomotor.

Percebemos que é de extrema importância conhecer as pessoas da família do aluno em questão e assim entender suas necessidades e a importância do ensino de Libras, para que haja melhor interação e comunicação em casa. Se a criança for assistida desde o nascimento e em cada fase da sua vida, certamente estará pronta para lidar com diferentes situações no futuro. Para Weinberg:

A família, primeiro agente socializante, com sua hierarquia e atribuição de papéis, são importantes para compreensão do mundo, pois ela permite a vivência dos primeiros conflitos, frustrações, expectativas. Essas vivências e esse tipo de organização primária podem vir a ser muito significativos e, simbolicamente, alavancados nas primeiras frustrações enfrentadas pelos jovens, sejam eles no âmbito escolar, social e afetivo (2002, p. 144).

Após escolher os locais e buscar subsídios que pudessem embasar esta pesquisa podemos afirmar que os alunos com surdez têm o direito de ser bilíngues. Cabe a nós educadores dar voz a esses sujeitos, respeitando suas particularidades e diferenças culturais para que tenham contato com as duas comunidades linguísticas e sejam identificados como indivíduos capazes.

Percebeu-se nas visitas às escolas que, embora os professores saibam um pouco de Libras, um dos pontos negativos é a falta de intérpretes nas escolas municipais. No AEE a presença da professora bilíngue ajuda muito, e ainda

---

<sup>2</sup> Dados parciais extraídos da pesquisa feita com as famílias dos alunos surdos.

a presença dos dois instrutores tem auxiliado muito aos surdos na aquisição da língua. Segundo Santos e Gurgel:

O termo “instrutor” parece remeter à tarefa específica do ensino de uma língua. Por outro lado, sua atuação não se resume a isso, pois ele propicia vivências pelas quais as crianças surdas podem enxergar o mundo de uma forma culturalmente peculiar (...) facilitando a comunicação destes junto a seus outros colegas e permitindo que ele divida também suas alegrias, preocupações e dúvidas dentro da sala, pois este é um momento de trocas e de valor entre eles (2010, p. 53).

A professora do AEE trabalha com diversas atividades, sendo que todas são visuais, o que tem mostrado boa aceitação e interesse dos alunos surdos, e com histórias e fábulas. A professora primeiro mostra aos alunos a história em DVD e com Libras. Depois eles fazem o reconto dessa história. Após encenarem os fatos utilizando sequência, eles mesmos as organizam e contam cada parte da história. A seguir a professora as escreve uma a uma na lousa, sinaliza em Libras e então os instrutores fazem o mesmo.

Com essa estratégia os surdos percebem que o que sinalizam em Libras a professora escreve na lousa, depois eles vão ao quadro e por apontamento de cada palavra, sinalizam. Desse modo, os surdos vão somando suas falas (com as mãos) à escrita, da mesma maneira como fazem as crianças ouvintes, pois elas falam e escrevem. Como afirma Lodi e Luciano:

Atividades de contar histórias, considerando que estas práticas propiciam a imersão das crianças em atividades discursivo-enunciativas por meio das quais as situações vivenciadas nos livros podem ser postas em diálogos com a vivência de cada uma. Além disso, estas práticas possibilitavam o contato das crianças com práticas de letramento que interferirão, de maneira significativa, em seu processo posterior de aprendizagem da linguagem escrita da língua portuguesa (2010, p. 43).

Foi possível perceber que o trabalho a partir das histórias e fábulas infantis permite aos surdos descobrir hipóteses. Eles dramatizam as situações que já assistiram e depois de a professora escrever o que eles sinalizaram, já apontam quais são as palavras que sabem, perguntam significados de outras. Também são capazes de apontar quais palavras já foram incluídas no dicionário ilustrado.

## Considerações finais

A intenção de pesquisar experiências e práticas pedagógicas de inclusão de surdos no município de Ji-Paraná, RO, surgiu no decorrer dos estudos realizados no mestrado em Educação. No entanto, a opção pelo tema se deu em decorrência da necessidade de expor um pouco as metodologias utilizadas com histórias e fábulas, e por último de compreender a escolarização dos alunos com surdez.

Durante o período dos estudos foi possível repensar estratégias que, por meio das vivências propiciadas na pós-graduação e agora no mestrado na Universidade Federal de Rondônia (UNIR), possibilitaram-nos um novo olhar sobre a educação dos surdos, rever as principais tendências pedagógicas, constatando o quanto foram prejudicados no decorrer da história, e acreditar que o bilinguismo tem contribuído para o melhor atendimento a esses alunos.

Por meio de diversas leituras, dos documentos oficiais pesquisados, do envolvimento com os sujeitos da pesquisa, das visitas às escolas, das conversas com as professoras, foi possível refazer alguns conceitos e perceber os vários pontos que avançamos desde que começamos o atendimento aos alunos surdos em Ji-Paraná.

Entendemos por meio desta pesquisa que a metodologia de ensino, o conhecimento da Libras e a presença do instrutor surdo adulto têm servido de referência identitária, contudo entendemos que precisamos utilizar a legislação vigente, assim como as medidas legais existentes, considerando as condições concretas que temos, ao invés de esperar por todas as reformas. Julgamos ser de extrema importância que as professoras, por estarem envolvidas nesse processo, busquem o aprimoramento de suas práticas com o intuito de atender a todos independentemente dessas diferenças e de buscar construir de fato uma escola para todos.

## Referências bibliográficas

BRASIL. DECRETO No 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005. Extraído em 30/08/2011. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>.

BRASIL. LEI no 10.436, de 24 de abril de 2002. Extraído em 29/08/2011. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/99492/lei-de-libras-lei-10436-02>>.

BRASIL, Ministério da Educação. Diretrizes nacionais para a educação especial na

educação básica. Secretaria de Educação Especial. MEC/SEESP, Brasília, 2001.

DAMÁZIO, Mirlene F. Macedo. Atendimento educacional especializado: pessoa com surdez. Brasília: SEESP/MEC, 2007.

LODI, A. C. B.; LUCIANO, R. T. Desenvolvimento da linguagem de crianças surdas em língua brasileira de sinais. In: LODI, A. C. B.; LACERDA, C. B. F. de. (Orgs.) Uma escola, duas línguas: letramento em Língua Portuguesa e em Língua de Sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LUDKE, Menga. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora EPU, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 31.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SANTOS, Lara F dos; GURGEL, Taís M. do Amaral. O Intrutor Surdo em uma escola inclusiva bilíngue. In: LODI, Ana Claudia Baliero, LACERDA, Cristina B.F de. (Orgs.) Uma escola, duas línguas: letramento em Língua Portuguesa e em Língua de Sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Mediação, 2010.

WEINBERG, Cybelle. Geração delivery adoecer no mundo atual. 2a Ed. São Paulo: Sá Editora, 2001.